



A
COLEÇÃO
de
arrependimentos
de
CLOVER

Mikki Brammer

GOBOLIVROS

The book cover features a light beige background with a repeating pattern of small blue flowers and green leaves. Overlaid on this are several detailed botanical illustrations: a sprig with orange buds and white flowers, a blue daisy-like flower, a blue five-petaled flower, a yellow rose, a pink rose, and a pink rose bud. The title is written in a mix of black serif and cursive fonts. The word 'A' is at the top in a large, elegant cursive font. Below it, 'COLEÇÃO' is in a large, bold, black serif font. The word 'de' is in a smaller cursive font. 'arrependimentos' is in a large, bold, black serif font. Another 'de' is in a smaller cursive font. 'CLOVER' is in a large, bold, black serif font with a decorative flourish at the end.

A
COLEÇÃO
de
arrependimentos
de
CLOVER

Mikki Brammer

GOBOLIVROS



Mikki Brammer

A COLEÇÃO DE ARREPENDIMENTOS DE
CLOVER

Tradução: Erika Nogueira Vieira

GLOBALIVROS



Mark Wickens

Mikki Brammer nasceu na Austrália, mas atualmente vive em Nova York e passa algumas temporadas na França e na Espanha. Ela é jornalista, e *A coleção de arrependimentos de Clover* é seu romance de estreia.

SUMÁRIO

Pular sumário [»»]

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

Créditos

I

QUANDO VI ALGUÉM MORRER pela primeira vez, eu tinha cinco anos.

O sr. Hyland, meu professor do jardim de infância, era um homem animado e gorducho, com uma careca brilhante e um rosto absolutamente redondo que me lembravam da lua. Uma tarde, durante a hora das histórias, meus colegas e eu estávamos sentados de pernas cruzadas no carpete áspero, encantados com seu jeito teatral de contar *Pedro Coelho*. Eu me lembro de como suas coxas rechonchudas se esparramavam para fora das bordas da cadeira de madeira infantil na qual ele estava sentado. Suas bochechas também estavam mais rosadas do que o comum, mas quem poderia culpá-lo por se empolgar com uma bela trama de Beatrix Potter.

Quando a história chegou ao clímax, no momento em que Pedro Coelho perdeu sua jaqueta fugindo do malvado sr. McGregor, o sr. Hyland se deteve, como se fosse uma pausa para causar um efeito. Nós olhamos para ele, com o coração martelando de expectativa. Mas, em vez de retomar a história, ele fez um som parecido com um soluço e seus olhos se esbugalharam.

Então, como uma sequoia cortada, ele desabou no chão.

Nós continuamos sentados sem nos mexer, os olhos arregalados, sem ter certeza se o nosso querido professor estava apenas pesando um pouco a mão no jeito dramático com que costumava contar histórias. Então, quando ele não se mexeu depois de uns bons minutos — nem sequer para piscar os olhos abertos — a sala explodiu com todo mundo gritando em pânico.

Todo mundo menos eu, na verdade.

Eu me aproximei o bastante do sr. Hyland para ouvir a última lufada de ar sair de seus pulmões. Enquanto o pandemônio ecoava pelo corredor e outros professores corriam até nossa sala, eu fiquei ali junto dele,

segurando sua mão calmamente enquanto o último rubor vermelho desaparecia de seu rosto e seus lábios ficavam meio azulados.

A escola recomendou que eu recebesse acompanhamento depois do “incidente”. Mas meus pais, que eram um pouco mais do que egocêntricos, não notaram nenhuma mudança significativa em meu comportamento. Eles me compraram um sorvete, passaram a mão na minha cabeça e — seguindo o raciocínio de que sempre fui um pouco estranha — julgaram que eu estava bem.

Em geral, eu estava bem. Mas desde então passei a me perguntar quais últimas palavras o sr. Hyland gostaria de ter dito, se elas não tivessem sido sobre as travessuras de um coelho muito levado.

EU NÃO PRETENDIA FICAR ENUMERANDO quantas pessoas eu vi morrer depois do sr. Hyland trinta e um anos atrás, mas meu subconsciente era um contador diligente. Sobretudo porque eu estava chegando a um marco impressionante — hoje o registro bateu noventa e sete.

Fiquei na Canal Street observando as lanternas traseiras do carro funerário se perderem no tráfego. Como uma corredora que acabara de passar o bastão, meu trabalho estava terminado.

Em meio à fumaça de escapamento e à mistura pungente de peixe seco e tamarindo, o cheiro da morte ainda se demorava nas minhas narinas. Não estou falando do odor de um corpo em decomposição — nunca tive que lidar com isso de fato. Só fiquei com os moribundos enquanto eles pairavam no limiar entre este e o outro mundo. Estou falando daquele outro perfume, o cheiro distinto de quando a morte é iminente. É difícil descrever, mas é parecido com aquela mudança imperceptível entre o verão e o outono, quando de algum jeito o ar está diferente, mas você não sabe o porquê. Eu tinha me aclimatado com aquele cheiro durante os anos em que fui doula da morte. Era assim que eu sabia se alguém estava pronto para partir. E se os entes queridos estivessem por lá, eu os avisava que era a hora de se despedir.

Mas naquele dia não havia entes queridos. Você ficaria surpreso com a frequência com que isso acontece. Na verdade, se não fosse por mim, pelo menos metade dessas noventa e sete pessoas teriam morrido sozinhas. Pode até ser que haja quase nove milhões de pessoas morando aqui, mas Nova York é uma cidade de gente solitária e cheia de arrependimentos. O meu trabalho é tornar os momentos finais dessas pessoas um pouco menos solitários.

Uma assistente social me designou para Guillermo há um mês.

— Tenho que te avisar — disse ela ao telefone. — Ele é um daqueles velhos cheios de raiva e amargura.

Eu não ligava — isso costumava significar apenas que a pessoa estava assustada, solitária e sentindo que não é amada. Então, quando Guillermo mal me cumprimentou nas primeiras visitas, eu não levei para o lado pessoal. Depois, ao me atrasar para a quarta visita porque sem querer tinha me trancado do lado de fora do meu apartamento, ele me lançou um olhar choroso quando me sentei junto de sua cama.

— Achei que você não vinha — disse com o desespero silencioso de uma criança esquecida.

— Eu prometo que isso não vai acontecer — respondi, apertando sua mão enrugada e áspera entre as minhas.

E eu sempre cumpro minha palavra. Guiar uma pessoa à beira da morte nos últimos dias de sua vida é um privilégio, sobretudo quando você é a única coisa que ela tem para se agarrar.

Flocos de neve giravam erráticos quando deixei a abarrotada quitinete de Guillermo em Chinatown para andar até minha casa. Eu poderia ter pegado o ônibus, mas sempre parecia desrespeitoso voltar logo à rotina da vida quando alguém acabava de perder a sua. Eu gostava de sentir a brisa gelada beliscando minhas bochechas enquanto caminhava, de ver a nuvem se materializar e depois sumir a cada vez que eu expirava — confirmações de que eu ainda estava aqui, ainda estava viva.

Para alguém tão acostumada a testemunhar a morte, eu sempre me sentia um pouco desorientada depois. Uma pessoa estava aqui na Terra e, de repente, se foi. Para onde, eu não sabia — era bastante agnóstica quando se tratava de questões espirituais, o que me ajudava a dar espaço para as crenças de cada um de meus clientes. Onde quer que estivesse, eu esperava que Guillermo tivesse conseguido deixar sua amargura para trás. Pelo que pude perceber, ele não estava em bons termos com Deus. Havia um pequeno crucifixo de madeira pendurado ao lado de sua cama de solteiro, com as bordas do papel de parede rasgado e amarelado sobre seus cantos. Mas Guillermo nunca olhou diretamente para ele em busca de conforto; disparava olhares sorrateiros, como se estivesse evitando o olhar

escrutinador de uma figura de autoridade. A maior parte do tempo, ele ficava de costas para o crucifixo.

Durante as três semanas que passei fazendo visitas a Guillermo, decorei os detalhes do lugar onde ele vivia. A espessa camada de fuligem do lado de fora da única janela que abafava a luz do dia, tornando o espaço convenientemente sombrio. O guincho penetrante de metal contra metal da estrutura da cama decrépita toda vez que ele mudava de posição. A corrente de ar gelada que vinha de toda parte e de lugar nenhum. Os ocupantes esparsos dos armários da cozinha — uma xícara, uma tigela, um prato —, provas de uma vida de solidão.

Guillermo e eu provavelmente só trocamos um total de dez frases durante aquelas semanas. Não precisávamos dizer nada além disso. Eu sempre deixo a pessoa à beira da morte tomar a iniciativa — decidir se quer preencher seus últimos dias com conversas ou se deleitar em silêncio. Elas não precisam verbalizar sua decisão; dá simplesmente para perceber. Cabe a mim permanecer calma e presente, deixando que elas preencham seu espaço enquanto navegam por aqueles últimos momentos preciosos de vida.

Só que o mais importante é nunca desviar o olhar da dor de alguém. Não apenas a dor física de um corpo deixando de funcionar, mas a dor emocional de ver sua vida acabar, quando você sabe que poderia ter vivido melhor. Dar a alguém a chance de ser visto em seu estado mais vulnerável é uma cura muito melhor do que qualquer palavra. E foi uma honra fazer isso — olhar nos olhos delas e reconhecer sua dor, deixá-la existir sem diluição — mesmo quando a tristeza era esmagadora.

Mesmo quando meu coração estava em frangalhos por elas.

O calor do meu apartamento era quase sufocante comparado ao da quitinete de Guillermo. Eu me liberei do casaco e o equilibrei sobre a massa de roupas de inverno no cabideiro junto da minha porta de entrada. O cabideiro protestou, mandando meu casaco de lã para uma pilha amarrotada no chão. Deixei assim, dizendo a mim mesma — como fiz com a maior parte da bagunça que se acumulava no meu apartamento — que eu cuidaria disso mais tarde.

Para ser justa, nem toda a bagunça era culpa minha. Eu herdei o invejável apartamento de dois quartos do meu avô depois de sua morte. Bem, tecnicamente, eu estava no contrato desde criança. Foi uma jogada esperta da parte dele, para garantir que nenhuma burocracia imobiliária da cidade de Nova York pudesse me defraudar da minha legítima herança. Por dezessete anos, nós dividimos o apartamento do terceiro andar em um prédio de tijolinhos aparentes que parecia relativamente mal-amado ao lado dos vizinhos bem cuidados de West Village. Meu avô já havia partido fazia mais de treze anos, mas eu ainda não conseguia me forçar a fazer uma triagem dos pertences dele. Então, aos poucos, fui colocando meus próprios pertences nos raros espaços entre os dele. Por mais estúpido que possa parecer, manter as coisas exatamente como ele as deixara me proporcionava aquela lasca de esperança de que talvez meu avô chegasse em casa a qualquer momento.

Aquecendo as mãos ao redor de uma xícara fumegante de chá Earl Grey, eu estava parada na frente das minhas estantes, cheias de livros de biologia do meu avô, atlas mofados e romances de navegação. Encravados entre eles, três cadernos surrados se destacavam, não tanto pela aparência, mas pela única palavra inscrita na lombada de cada um deles. No primeiro, ARREPENDIMENTOS; no segundo, CONSELHOS; no terceiro, CONFISSÕES.

Além dos meus animais de estimação, essas eram as coisas que eu salvaria em caso de incêndio.

Desde que comecei a trabalhar como doula da morte, eu tinha o mesmo ritual: documentar as palavras finais dos meus clientes antes que eles tivessem deixado de respirar. Era como se fosse o meu dever sagrado, sobretudo quando eu era a única outra pessoa junto deles. E, mesmo quando esse não era o caso, os membros da família geralmente estavam consumidos demais pela dor para pensar em registrar essas coisas. Minhas emoções, por outro lado, estavam sempre muito bem escondidas.

Deixando o chá de lado, fiquei na ponta do pé para alcançar o caderno intitulado CONFISSÕES. Fazia um tempo que eu não tinha a oportunidade de acrescentar uma entrada a ele. Ultimamente parecia que todo mundo tinha vivido a vida com arrependimentos.

Então me acomodei no sofá e passei as folhas do caderno com capa de couro até chegar a uma página limpa. Em meu garrancho compacto,

escrevi o nome de Guillermo, o endereço dele, a data do dia de hoje e a confissão que ele fizera.

Eu não estava esperando, para ser sincera — sentia que ele estava indo embora e pensei que já estivesse inconsciente. Mas então os olhos dele se abriram e ele pôs a mão no meu braço. Sem ser dramático, mais como se ele estivesse prestes a sair pela porta e tivesse esquecido de me dizer alguma coisa.

— Eu matei o hamster da minha irmã sem querer quando eu tinha onze anos — ele sussurrou. — Deixei a porta da gaiola aberta para irritá-la e então ele sumiu. Nós o encontramos três dias depois preso entre as almofadas do sofá.

Assim que as palavras saíram de sua boca, o corpo dele relaxou com uma leveza serena, como se estivesse boiando em uma piscina.

Depois ele se foi.

Eu não conseguia deixar de pensar naquele hamster enquanto meus próprios animais de estimação se juntavam ao meu redor no sofá naquela noite. George, o buldogue rechonchudo que encontrei revirando as lixeiras no andar de baixo seis anos atrás, pousou o queixo molhado em meu joelho. Os gatos Lola e Lionel, irmãos malhados que resgatei de uma caixa deixada na porta da igreja na Carmine Street ainda filhotes, iam e vinham roçando em meus tornozelos, formando um oito. A maciez da pelagem deles me acalmou.

Procurei não imaginar se o hamster tinha sofrido. Eram criaturas muito frágeis, então provavelmente não precisou de muito. Pobre Guillermo, carregando essa culpa por cinquenta anos.

Dei uma olhada no celular, equilibrado no braço desbotado do sofá. As únicas vezes que ele tocava — sem contar as ligações automáticas sobre seguro de carro e auditorias falsas de imposto de renda — era quando alguém queria me contratar. Socialização era um conceito que eu nunca tinha dominado de fato. Não que eu fosse contra a ideia de amizade; só parecia não valer a pena se pensasse no trabalho que daria. Quando você é filha única criada por um avô introvertido, aprende a apreciar a própria companhia. E se você não se aproximar das pessoas, não pode perdê-las.

Ainda assim, às vezes eu me perguntava como tinha chegado a esse ponto: trinta e seis anos, e toda a minha vida girava em torno de esperar estranhos morrerem.

Saboreando o vapor de tangerina do chá, fechei os olhos e deixei meu corpo relaxar pela primeira vez em semanas. Conter as emoções o tempo todo é um pouco exaustivo, mas é o que me torna boa no que faço. É responsabilidade minha sempre permanecer plácida e equilibrada para meus clientes, mesmo quando eles estão assustados e em pânico e não sabem como se render. Eu me recostei nas almofadas do sofá e os sentimentos começaram a descongelar, permitindo que o peso da tristeza se instalasse em meu peito e que uma ânsia apertasse meu coração.

Existe uma razão por que eu sei que esta cidade está cheia de gente solitária.

Eu sou uma delas.

EM GERAL, QUANDO UM SERVIÇO TERMINAVA, eu passava o dia seguinte correndo atrás das tarefas domésticas mundanas que eu havia negligenciado enquanto trabalhava. Tarefas domésticas e contas pareciam bastante inconsequentes quando alguém estava morrendo.

Três semanas de roupa suja se acumulavam no cesto que eu carregava para o porão. Meu avô não tinha só me legado o raro tesouro de um apartamento, mas também tinha lavanderia no prédio. Uma das maneiras pequenas, porém infinitas, que ele encontrou para facilitar minha vida, mesmo quando não estava mais aqui, foi me salvar do fardo nova-iorquino de ir a pé até a lavanderia.

Enquanto voltava para o andar de cima, parei na caixa de correio para liberar a enxurrada de envelopes e catálogos que sempre aguardavam minhas visitas esporádicas. Eu raramente recebia algo que valesse a pena ler.

— De férias de novo, garota? — uma voz rouca chamou da escadaria.

A passada arrastada que a acompanhava era tão familiar quanto a própria voz. Leo Drake era um homem de cinquenta e sete anos muito vivaz quando fui morar com meu avô aos seis anos de idade, e as décadas seguintes mal deixaram sua marca, a não ser nos cabelos dele, que estavam um pouco mais esbranquiçados, e em seu caminhar, um pouco mais lento.

Ele também ainda era meu único amigo.

— Acho que poderíamos colocar nesses termos — respondi, esperando que ele descesse os últimos degraus. — Mas eu ia preferir a praia à lavanderia.

Alto e esbelto, com maçãs do rosto salientes, a idade de Leo só aumentou sua elegância. Eu ficava fascinada com o modo como os gostos quanto à moda das pessoas idosas tendiam a permanecer congelados em determinada era, geralmente a fase de seus trinta ou quarenta anos.

Muitas vezes, eram motivos econômicos — por que comprar roupas quando você já tinha tantas —, mas para a maioria parecia estar relacionado à nostalgia daquilo que eles consideravam seus dias de glória. À época em que a porção maior de sua vida estava adiante deles, e não para trás. O estilo de Leo ainda estava firmemente plantado na alfaiataria marcada dos anos 1960: colarinhos engomados, lapelas com recortes, lenços de bolso feitos de linho e, quando a ocasião exigia, um chapéu de abas estreitas que ele adorava. Eu nunca o tinha visto desgrenhado, mesmo se ele estivesse indo tarde da noite ao mercadinho da esquina comprar leite. Provavelmente tinha sido assim desde quando ele trabalhava na Madison Avenue. Mesmo tendo ele sido relegado à sala de correspondência, isso não impediu seu olhar astuto de registrar cada floreio de alfaiataria dos homens para os quais, como homem negro, ele era praticamente invisível. E quando Leo finalmente teve os meios, imitou — e apurou — esse estilo para torná-lo sua marca.

Hoje Leo só estava verificando a correspondência e vestia camisa de botão e calça vincada. Um contraste evidente com minha calça de moletom e meu suéter largo de lã. Se minha teoria estivesse correta, meu legado de estilo não parecia promissor. Mas sem dúvida esses não eram os meus dias de glória — precisava ser mais do que passar o tempo vendo as pessoas morrerem, certo?

— E quando vai ser nossa revanche? — Leo sorriu maliciosamente, colocando a chave na caixa de correio.

Meu avô me ensinou a jogar mahjong assim que vim morar com ele. Levei quatro anos para finalmente conseguir ganhar dele — ele se recusou a me deixar levar de propósito, insistindo que isso não me ajudaria em nada.

— A vida é difícil, Clover — ele dizia enquanto eu ficava sentada desanimada e derrotada. — Mas dê duro e você vai acabar triunfando.

Eu ainda esperava que ele estivesse certo. Embora não tivesse certeza do que esse triunfo deveria ser.

Leo se tornou o adversário regular do meu avô depois que eu fui para a faculdade, e então manteve a tradição comigo quando voltei depois que ele morreu. Dispomos de uma rivalidade acalorada nos últimos treze anos.

— O que você acha de domingo que vem?

Vasculhando minha correspondência, encontrei apenas uma única carta que valia a pena abrir — um cheque da família de um homem com leucemia para quem trabalhei alguns meses atrás. Como Guillermo, ele tinha deixado o mundo com uma amargura inabalável que ainda me acompanhava. Você não pode obrigar alguém a ter uma boa morte, não importa o quanto tente.

— Está combinado — disse Leo, acenando com a aba de seu chapéu imaginário. Ele indicou o segundo andar. — Está sabendo que vamos ter um novo vizinho? Chega na próxima semana. Espero que sejam mais falantes do que o último pessoal.

Droga. Eu tinha esperanças de que o apartamento do segundo andar — que antes era o lar de um recluso casal finlandês — ficasse vazio por mais algum tempo. Ao contrário de Leo, eu gostava do fato de nosso relacionamento de vizinhança com os finlandeses ser limitado a acenos de cabeça educados e olás superficiais.

Leo tinha um jeito especial para conseguir fofocas da vizinhança antes de chegarem à boca do povo. No caminho de volta para o andar de cima, ele me contou todos os outros mexericos que tinha ouvido desde a última vez que havíamos nos falado. O drama da hospedagem do Airbnb no prédio ao lado, o divórcio confuso mais para o fim da rua, o restaurante caro demais fechado por infrações sanitárias. Soberano da conversa fiada, Leo passava grande parte do tempo nos quarteirões das redondezas, conversando com quem estivesse disposto a dar papo. Eu sempre me perguntei por que nós dois nos dávamos tão bem. Uma clássica atração de opostos, provavelmente.

A porta do apartamento vazio do segundo andar estava entreaberta enquanto subíamos a escada que rangia. Pela fresta, avistei um amontoado de latas de tinta no piso de madeira e um rolo aninhado em sua bandeja ali perto, pronto para ser usado. Leo fofocava, alheio, e o peso da inquietação se instalava no meu estômago.

Vizinhos novos eram inevitáveis em Nova York e eu suportei vários. Mas toda vez que um desconhecido se mudava para o meu prédio, ainda era como uma intrusão pessoal. No meu espaço. Na minha rotina. Na minha solidão. Significava uma nova personalidade para decifrar, novos rituais de cumprimento para estabelecer, novas peculiaridades para acomodar. Um vizinho novo significava imprevisibilidade.

E eu odiava surpresas.

O DIA EM QUE SOUBE QUE MEUS PAIS TINHAM MORRIDO foi o mesmo dia em que fiquei sabendo que os porcos rolam na lama para se proteger de queimaduras de sol.

Era hora do almoço de uma terça-feira na primeira série. Eu estava sentada junto ao pé do carvalho solitário no pátio da minha escola, entre duas raízes retorcidas que se estendiam como dedos artríticos. Era lá que eu passava a maior parte do horário de almoço lendo, enquanto meus colegas faziam barulho brincando ali por perto. Naquele dia, eu estava mergulhada em um livro sobre fatos do mundo animal.

O primeiro sinal de que alguma coisa não estava certa foi quando vi a diretora, a senhora Lucas, cruzando o parquinho e vindo diretamente na minha direção. O movimento de seu cabelo volumoso combinava com o ritmo da passada decidida e ela segurava firme seu blazer de poliéster com um ar de importância. Minha nuca formigava como se um inseto estivesse correndo sobre a pele, mas quando passei a mão, não tinha nada lá.

Logo atrás da senhora Lucas, em uma formação em V, estavam minha professora da primeira série e a terapeuta da escola. Como o trio parecia estar em uma missão, pousei o livro no colo com calma e esperei que elas chegassem até o carvalho.

— Clover, minha querida. — A melopeia enjoativa da sra. Lucas parecia suspeita, escorregadia, o tom que os adultos usavam quando precisavam que você cooperasse. Ela se inclinou para a frente com afetação, com as mãos cuidadosamente postas entre as rótulas em posição de oração invertida. — Você poderia vir com a gente até a minha sala, por favor?

Olhei de uma mulher para a outra que ladeavam a sra. Lucas e notei seus sorrisos graves. Fiquei me perguntando se alguma coisa que eu tinha feito naquele dia me renderia algum tipo de castigo. Será que eu tinha

quebrado uma regra sem querer? Eu tentava dar o meu melhor para ser boa. Talvez eu tivesse me esquecido de devolver um livro à biblioteca.

Sentindo-me ligeiramente em desvantagem, continuei entre as raízes da árvore, grata por seu abraço protetor.

— Queria ficar aqui embaixo da árvore — respondi, silenciosamente emocionada com meu pequeno ato de rebeldia. — Ainda estamos no horário do almoço.

A sra. Lucas franziu a testa.

— Bem, sim, eu sei que o dia está lindo e ensolarado, mas tem uma coisa que eu, a gente, gostaria de conversar com você e acho que é melhor se for lá dentro.

Levei minhas opções em conta. Não parecia que a sra. Lucas e suas guarda-costas de jaleco iam me deixar em paz. Eu me levantei relutante, entreguei o almanaque animal para a diretora enquanto limpava os galhos da minha saia xadrez plissada e comecei a caminhar obedientemente rumo ao prédio da escola.

— Boa menina, Clover — disse a sra. Lucas, devolvendo-me o livro e seguindo atrás de mim.

Na sala da diretora, tive que me içar para conseguir me sentar na cadeira giratória de madeira. Eu estava sentada com as pernas penduradas longe do piso de linóleo, e as molas antigas debaixo do assento de couro espetavam desconfortavelmente minhas coxas esqueléticas.

O trio de rostos sombrios estava sentado diante de mim, ainda sem revelar a razão pela qual tinham me levado até ali. Elas trocaram olhares, como se estivessem tirando palitinhos em silêncio para ver a quem caberia a tarefa desagradável.

Ao que parecia, a terapeuta ficou com o mais curto. Ela respirou fundo, prestes a falar, então fez uma pausa enquanto reconsiderava as palavras.

— Clover — ela disse por fim. — Eu sei que seus pais estavam viajando de férias.

— Na China — acrescentei, prestativa. — É de lá que vêm os pandas. — Eu segurava o livro contra o peito como um tesouro precioso.

— Sim, imagino que sim. Isso é muito inteligente da sua parte.

— Os pandas comem bambu. E eles pesam mais de noventa quilos — eu disse, esperando consolidar minha esperteza para os adultos enquanto estava com sua atenção cativa. — Minha mãe e meu pai vão voltar para casa daqui a dois dias. Eu estou contando. — Eu esperava que eles não se esquecessem de me trazer um presente como fizeram da última vez, quando foram para Paris.

A terapeuta pigarreou e mexeu no broche elegante pregado em sua blusa.

— Pois é, sobre isso. Eu sei que seus pais deveriam voltar para casa na quinta-feira, mas aconteceu... um acidente.

Eu fiz uma careta, apertando ainda mais o livro.

— Acidente?

Minha professora se inclinou para a frente e deu uns tapinhas leves no meu joelho, seu conjunto de pulseiras baratas tilintando no pulso. As cores brilhantes me agradavam.

— Você está na casa de uma amiga da sua mãe, não é, Clover?

Eu balancei a cabeça com cautela e minhas orelhas começaram a queimar. Um comichão de suor abria aos poucos caminho entre o couro da cadeira e a parte de trás das minhas pernas. Os gritos de arruaça dos meus colegas pairavam janela adentro.

O sorriso desconfortável da minha professora era angustiante.

— Só que vai ficar com seu avô esta noite. Ele está vindo de Nova York para te buscar hoje à tarde. Não vai ser divertido?

Como eu só tinha passado uma ou outra tarde com meu avô materno ao longo da minha curta vida, me senti relativamente neutra em relação ao homem. Ele parecia legalzinho, ainda que não falasse muito e que ele e minha mãe meio que agissem como se não se conhecessem. Mas ele sempre me mandava um presente no meu aniversário — naquele ano tinha sido o livro de animais que eu estava segurando no colo. Talvez ele me trouxesse alguma outra coisa.

— Por que não posso ficar com a senhorita McLennan?

A velha solteirona que morava a um quarteirão da casa dos meus pais não era uma anfitriã agradável, e a casa dela sempre cheirava a rosbife, não importava o que ela estivesse cozinhando. Mas, além de garantir que eu estivesse me alimentando e frequentando a escola, a senhorita McLennan me deixava com os meus botões, geralmente lendo sozinha no quarto em

que me hospedava enquanto ela ficava no sofá forrado de plástico fazendo crochê. E como meus pais muitas vezes me deixavam na casa dela por semanas a fio, nós aprendemos a conviver pacificamente. Embora eu tenha certeza de que ela fazia isso em troca do maço de notas que meu pai sempre colocava na mão dela.

As professoras trocaram olhares desanimadores e se comunicaram em algum tipo de código secreto usando apenas as sobrancelhas, o que culminou em um grande suspiro da senhora Lucas.

— Clover, sinto muito dizer isso, mas os seus pais morreram. — As outras mulheres respiraram fundo, pasmas com a maneira dura que a diretora deu aquela notícia tão delicada.

Igualmente chocada, fiquei sentada, os olhos arregalados. As mulheres pairavam nervosas ao meu redor como se estivessem tentando prever o movimento de um animal selvagem.

Por fim, consegui sussurrar.

— Morreram...? Igual ao senhor Hyland?

Pensei no episódio de *Vila Sésamo* a que a escola fez a minha classe assistir depois da morte dramática do nosso professor, no qual Garibaldi enfrentou a morte do amigo, seu Hooper.

— Infelizmente sim, Clover — lamentou a senhora Lucas, tentando compensar sua revelação abrupta. — Eu sinto muito.

Sentada ao lado do meu avô enquanto o Metro-North trepidava de Connecticut em direção a Manhattan no finalzinho da tarde, eu me dei conta de que não tinha me despedido de nenhum dos meus colegas. Mas como eles quase nunca falavam comigo, talvez não tivesse problema. Eles provavelmente nem perceberiam que eu não estaria sentada entre eles amanhã.

Meu avô chegou à escola bem na hora em que o sinal ecoou pelos corredores no fim do horário de almoço, segurando a malinha azul-celeste que eu tinha levado para a casa da senhorita McLennan. Depois de uma breve conversa aos murmúrios com minhas professoras, que me esforcei para decifrar, meu avô me guiou solenemente até um táxi que esperava do lado de fora do portão da escola.

No caminho para a estação de trem, ele me deu apenas alguns detalhes sobre o acidente dos meus pais — tinha envolvido um barco velho, uma tempestade tropical e uma coisa chamada rio Yangtzé. Eu apenas acenei com a cabeça em resposta, secretamente me perguntando se meus pais tinham avistado algum panda nas margens daquele rio. Mas, à medida que eu observava os subúrbios passando sem parar do lado de fora da janela empoeirada do trem, a realidade começou a se infiltrar.

Morrer, eu sabia, significava que você nunca ia voltar. Daquele momento em diante, você só existia na memória das pessoas. Eu me lembrei da minha mãe me guiando impaciente porta afora na manhã em que eles foram para a China. E o beijo distraído que ela mandou na minha direção quando me deixou com a senhorita McLennan e me disse para “ser boazinha”, enquanto se alvoroçava por causa de seu reflexo na janela do carro. Pode ser que meu pai tenha acenado para mim do banco da frente, mas eu não tinha certeza. Naquela manhã, como sempre, eles pareciam ter outras coisas em mente.

Eu também sabia que era importante chorar quando alguém morria — depois do ataque do coração do senhor Hyland, eu vi o bibliotecário soluçando no corredor. E quando meu avô e eu nos sentamos no trem, notei que ele passava o polegar debaixo dos olhos várias vezes e o secava na manga. Então eu esperei ansiosa a primeira lágrima cair dos meus próprios olhos e até fechei bem as pálpebras algumas vezes só para conferir.

Mas nenhuma lágrima tinha caído ainda.

Duas horas depois, saímos da estação Grand Central e demos com as garras escuras da noite, o vento frio roendo minhas bochechas e o caos do tráfego invadindo meus tímpanos. Era a minha primeira vez na cidade grande — eu não tinha certeza se estava gostando.

Tentando me firmar em meio à estranheza, agarrei a barra do casaco do meu avô enquanto ele erguia o braço no ar e assobiava. Deve ter sido algum tipo de truque de mágica, porque um táxi amarelo se materializou na nossa frente. Embora eu mal conhecesse meu avô, de alguma forma eu tinha certeza de que estava a salvo. Além da mala azul, ele era a única coisa familiar a que eu conseguia me aferrar.

A paisagem que passava correndo pela janela do táxi estava a mundos de distância do subúrbio repetitivo da viagem de trem: prédios enormes, luzes vibrantes, uma multidão de gente ziguezagueando na calçada. Eu me perguntava como é que o meu avô poderia estar ignorando tudo aquilo. Mas ele apenas mantinha o olhar fixo na parte de trás do assento à sua frente e murmurava alguma coisa sobre a necessidade de ir comprar leite de manhã.

Quando chegamos à uma casa estreita de tijolo aparente, meu avô entregou ao motorista um maço de notas cuidadosamente dobradas.

— Agradeça, Clover — ele me instruiu, enquanto abria a porta do táxi.

— Obrigada, senhor motorista.

O rabugento que cheirava a alho no banco da frente respondeu com um grunhido.

Dentro do prédio de tijolo à vista, contei cada passo em voz alta enquanto subíamos até o terceiro andar. Assim que anunciei o número treze, um homem de chapéu apareceu gingando escada abaixo. Meu avô pousou minha mala para apertar a mão do homem.

— Leo — disse ele. — Esta é a minha neta, Clover.

Leo lançou um olhar breve e solidário ao meu avô, então se abaixou e estendeu a mão para mim, seu sorriso largo pontuado por um único dente de ouro.

— Muito prazer, garota — disse ele, a luz do teto refletindo em seus olhos como raios de sol em uma garrafa fechada de coca-cola. — Bem-vinda ao prédio.

Apertei sua mão o mais forte que consegui, admirando o âmbar caloroso de sua pele.

— Muito prazer, senhor.

Leo deu um passo para o lado, lançando o braço escada acima como um lanterninha de teatro.

— Vou deixar você seguir seu caminho — disse ele, tirando o chapéu. — Mas espero ver vocês dois em breve.

No terceiro andar, observei o vovô examinar as chaves em um anel preso ao cinto, depois abrir a sucessão de fechaduras. Ele pendurava nossos casacos no cabideiro junto da porta, e eu olhava a sala com admiração. Prateleiras cobriam as paredes do chão ao teto, abundando com todo tipo de objeto — pedras preciosas, crânios de animais, máscaras

tribais, criaturas em potes. Era como se o meu avô morasse no museu que eu tinha visitado no mês anterior em uma excursão da escola.

E agora eu também morava lá.

Depois de jantar feijão e torradas, e de só trocarmos algumas palavras, meu avô me levou para um quartinho no fim do apartamento. Uma mesa de madeira enorme ficava em um canto, com pilhas de papéis e livros alinhados como chaminés em cima dela. No outro canto havia uma cama de solteiro e uma mesinha de cabeceira com uma luminária verde e dourada, e um pequeno vaso com uma peônia solitária.

— Este vai ser o seu quarto — disse meu avô, então indicou as pilhas de livros. — Vamos dar um jeito nisso tudo amanhã.

Ele puxou a cadeira de madeira de encosto arredondado da mesa e colocou minha mala em cima dela. Seu vinil azul-celeste brilhava contra a paleta contida de mogno, couro e tweed da sala.

— Foi... um dia cheio. Se precisar de mim, vou estar na sala. — Ele me deu um tapinha firme na cabeça, depois, rapidamente voltou a colocar as mãos nos bolsos. — Boa noite, Clover.

— Boa noite, vô.

Eu fiquei no meio do quarto, assimilando a minha nova realidade. Será que eu tinha que escovar os dentes toda noite agora que morava na cidade? (A senhorita McLennan era uma entusiasta de dentes limpos.) Muitas coisas poderiam ser diferentes dali em diante. Quem é que ia me levar para a escola? Eu poderia pegar livros emprestados da biblioteca na minha nova escola? Será que ia ter um carvalho no pátio?

Eu decidi, para fazer um teste, “esquecer” de escovar os dentes naquela noite. Entrando nos lençóis, inspirei o cheiro de sabão em pó desconhecido condimentado com naftalina. A roupa de cama estava presa com tanta firmeza ao meu redor que era difícil virar para o lado, e imaginei que era como receber um abraço apertado. Mas como eu não tinha recebido muitos, não tinha certeza absoluta.

Estendi a mão para a mesinha de cabeceira e puxei devagar a borda da toalha descolorida para apanhar meu almanaque do mundo animal sem derrubar o vaso. Deitada no travesseiro empelotado, pousei o livro no peito e fui virando as páginas até a seção que indicava a letra P.

Satisfeita por saber tudo sobre os pandas, comecei a aprender tudo o que podia sobre os porcos.

A NÃO SER POR LEO, QUE ENCONTREI NA CAIXA DE CORREIO no dia seguinte à morte de Guillermo, dei um jeito de passar os cinco dias seguintes sem interagir com uma alma sequer. Mas a solidão prolongada sempre era algo volúvel. A princípio acalmava, me isolando do caos e das expectativas do ser humano. Depois, de uma hora para a outra, ia do rejuvenescimento ao isolamento entorpecente.

Sentada no sofá enquanto o sexto dia de reclusão se estendia, incapaz de me lembrar da última vez que tinha escovado os dentes ou lavado o cabelo, senti o começo dessa mudança. Era como o comichar denunciador na garganta antes da amigdalite.

O assalto dos sintomas começou como sempre, com o que eu costumava assistir. É claro, não há nada de errado em se perder em um filme romântico ou um programa de tv — é para isso que eles existem. Mas até eu sabia que havia um limite perigoso entre assistir a algo vicariamente e assistir para substituir emoções da vida real. O sinal de que eu estava à beira desse limite era sempre quando eu começava a assistir de maneira compulsiva, uma vez seguida da outra, às mesmas cenas românticas, tentando tirar mais da narrativa do que de fato havia ali — como se, na centésima repetição, uma nova cena pudesse aparecer num passe de mágica. Hoje eu assisti às partes mais românticas de *Da magia à sedução* pelo menos vinte vezes cada. Mas em vez da agradável onda de oxitocina que eu costumava experimentar assistindo a filmes, senti uma dor no peito, como se os picos de emoção e depressões de Sandra Bullock fossem na verdade meus.

Quando você cresce sendo filha única, aprende a viver em sua imaginação quase com tanta frequência quanto o faz na realidade. Ninguém pode decepcioná-la — ou abandoná-la — quando você está no controle da narrativa. Então, quando a constante repetição de uma história

de amor não saciava mais minha dor, muitas vezes eu continuava o enredo como uma fantasia na minha cabeça, imaginando a vida das personagens muito depois que davam o beijo final e que os créditos passavam.

Era quando eu sabia que precisava sair de casa e voltar a me conectar com o mundo real.

Enquanto eu vestia o casaco com relutância, uma luz bruxuleava no apartamento do outro lado da rua. O crepúsculo ainda flertava com a luz do dia, então o reflexo do que restava do brilho do pôr do sol contra a janela tornava mais difícil do que o normal enxergar o interior. Mas ainda assim eu reconheci as duas figuras que tiravam seus casacos e se aninhavam no sofá. Nos quatro anos em que viviam diante de mim, Julia e Reuben não tinham fechado suas persianas nem uma vez sequer — eu não tinha nem certeza se eles tinham cortinas. Parecia ser menos um sintoma de exibicionismo e mais um fato de que eles estavam tão contentes em sua bolha particular que não pensavam em quem poderia estar assistindo de longe. Enquanto observava, me perguntava como devia ser estar tão envolvido com outra pessoa a ponto de o mundo do lado de fora não importar. Mas então a posição do sol mudou, lançando um reflexo quase ofuscante em meus olhos e acabando com minha visão da sala de estar deles.

Suspirando, baixeí minhas persianas e me obriguei a sair.

Nunca concordei com aquela afirmação comum e problemática de Nova York ser um caldeirão cultural; Nova York para mim era mais parecida com uma sopa de legumes pedaçada, em que geralmente as pessoas pairavam próximas umas das outras, sem interagir. Muitas vezes, no meio da semana, eu gostava de ir a uma sessão no cinema independente na Sexta Avenida ao lado de outros espectadores solitários — a coisa mais próxima que eu sentia de uma reunião de família. Espalhados em intervalos irregulares nas fileiras de assentos da sala como contas em um ábaco, podíamos ficar sozinhos juntos. E quando o projetor parava com um estalo e as luzes se acendiam, todos saíam de sua fileira e seguiam seu caminho solitário.

Mas, naquela noite, eu sabia que a ideia de assistir a um filme com o menor traço de romance — mesmo na companhia de mais gente — só incitaria meu comportamento compulsivo. Então, para me afastar da solidão, tomei o trem F em direção a Midtown, em direção ao único tipo de reunião social que eu realmente frequentava: o café da morte.

A primeira vez que fui a um café da morte, eu estava fazendo um mochilão na Suíça aos vinte e poucos anos e vi um panfleto meio rasgado colado em um poste, convidando os que passavam para um “*café mortel*”. (Quem não ficaria tentado?) As reuniões casuais costumavam acontecer em restaurantes e tinham sido concebidas por um sociólogo suíço chamado Bernard Crettaz como forma de normalizar as discussões sobre morte. Completos estranhos se reuniam para ponderar sobre as complexidades da mortalidade enquanto comiam e tomavam vinho, e então seguiam seus próprios caminhos. Genial.

Desde então, a ideia evoluiu para uma rede informal de cafés da morte em todo o mundo, e eles começaram a brotar em Nova York nos últimos anos. Eu frequentava um a cada poucas semanas, confortada pelo equilíbrio da interação humana sem ter que investir muitas emoções. Além disso, se tinha um tema que eu sabia de cor era a morte.

O trem F abarrotado era um emaranhado de braços segurando as barras, rostos desviando de mochilas inesperadas e olhares evitando contato. A maioria das pessoas abominava a renúncia forçada do espaço pessoal, a sensação de outro corpo pressionado contra o seu. Eu achava levemente emocionante.

O trem parou na rua 34 e o mar de passageiros se abriu por um momento. Enquanto eu deslizava a mão pela barra, um homem magro de terno azul-marinho e casaco de tweed cinza se instalou ao meu lado, segurando um exemplar do *New York Times* dobrado. As portas se fecharam e os passageiros se apertaram, como se alguém tivesse puxado uma corda invisível ao redor deles, como um barbante em um feixe de gravetos. O embalo empurrou o homem para mais perto de mim, meu rosto estava a centímetros do meticuloso nó de sua gravata de seda listrada. Sentindo o calor de seu peito largo, fechei os olhos e inspirei a sedutora mistura de sândalo, transpiração e sabonete caro. Eu imaginei que ele

envolvia os braços ao meu redor, colocando a mão no meu cabelo enquanto eu pressionava a bochecha em sua lapela. Meu coração inchou com a conexão.

— ESTA. É. A. RUA 42. BRYANT PARK — ralhou a voz automática abruptamente pelo alto-falante. Arrancada da minha fantasia, segui devagar e relutante em direção às portas que se abriam.

O homem de terno azul-marinho não tirou os olhos do jornal. Mas enquanto eu me arrastava pelos degraus cheios de marcas de chiclete, imaginava que sentia o leve cheiro de sândalo em meu casaco.

O CAFÉ DA MORTE DAQUELA NOITE ACONTECEU NAS ENTRANHAS da Biblioteca Pública de Nova York. Eu evitava ir ao mesmo encontro de café da morte mais de uma vez em três meses. Mesmo que cada sessão atraísse novatos, também havia inevitavelmente os frequentadores que se agarravam a qualquer rosto familiar. Por sorte, havia vários cafés da morte espalhados pela cidade hoje em dia, de modo que era fácil continuar anônima.

A sala estava vazia quando cheguei, a não ser por um círculo de cadeiras de plástico pretas esperando por seus ocupantes. Eu nunca gostei da pressão de ser a primeira na sala. Isso significava que você tinha que cumprimentar cada pessoa que entrava e depois aguentar firme contra a ameaça de conversa fiada até que a reunião começasse. Assim, fui para junto das estantes que estavam próximas, fingindo que examinava os volumes bem organizados sobre engenharia aeronáutica.

Quando finalmente tomei meu assento no círculo, todas as outras cadeiras estavam ocupadas, exceto uma. Era fácil identificar os novatos; eles lançavam olhares rápidos e ficavam com as mãos inquietas de quem já ultrapassou há muito a zona de conforto. À medida que o relógio de parede ia aos trancos mostrando a hora que passava, a inquietação infestava a sala. A moderadora, uma italiana animada, bateu a pilha de papéis no joelho para indicar que era hora de começar. Eu não a tinha visto antes — teria me lembrado daquele nariz romano.

— Sejam bem-vindos — disse ela, radiante. — Meu nome é Allegra. — Fez uma pausa, notando um homem branco de trinta e poucos anos que olhava tímido para a sala.

— Olá, senhor! Está aqui para o café da morte? — Era normal que pelo menos uma pessoa tivesse que ser convencida a entrar na sala nessas reuniões.

Ele riu com nervosismo, se agarrando firmemente ao cachecol cinzento escuro.

— Acho que sim. Quer dizer, estou — disse ele. — Desculpe, cheguei um pouco atrasado. — Ele acenou com a cabeça penitente para todos.

— Bem, mas então que bom que guardamos um lugar para você — disse Allegra. Eu invejei a desenvoltura dela, o ar confiante que provinha de saber que você era muito amado. — Entre! Estamos começando agora mesmo.

O homem correu para a cadeira vazia e sentou-se sem tirar o casaco, ainda que a sala sem janelas fosse sufocante. O nervosismo óbvio dele parecia ampliar a inquietação de todas as outras pessoas, como uma reunião de correntes elétricas. Senti o impulso de atravessar a roda para acalmá-lo — meu instinto profissional entrando em ação, provavelmente —, mas resisti.

— Estou tão feliz por estar aqui com todos vocês para este café da morte — disse Allegra, e eu me perguntei como seu cabelo cor de mel, na altura dos ombros, conseguia ficar com aquele vago equilíbrio entre arrumado e desganhado. — Sei que esta pode ser a primeira vez de muitos de vocês, então queria explicar um pouco sobre o café da morte. — Ela fez uma pausa para examinar o círculo serenamente, sem se intimidar com as expressões de pânico das pessoas, inclusive a do retardatário, que pareciam poder sair correndo a qualquer momento. — Este é um espaço para discussão aberta e não seguimos uma agenda definida, por isso incentivamos vocês a trazer à tona quaisquer tópicos ou questões relacionadas à morte que possam ter em mente. Existem muitos cafés da morte pela cidade, e alguns de vocês já devem ter participado deles. A única diferença aqui é que, como estamos em uma biblioteca, não podemos servir comida e bebida.

Uma das diversas razões pelas quais este café da morte não era o meu preferido — eu teria que preparar o jantar quando chegasse em casa, em vez de me empanturrar de tira-gostos. Dedos cruzados, devia ter alguma coisa no meu freezer que eu poderia esquentar.

— Agora — disse Allegra, batendo palmas. — Vamos fazer a volta na roda e nos apresentar.

Os participantes eram variados, como sempre.

Um homem de vinte e poucos anos com uma gola rulê verde-esmeralda que sempre tinha sido fascinado pela morte, mas que descobriu que ninguém queria de fato conversar sobre isso.

Uma mulher idosa de óculos vermelhos grossos que havia sido diagnosticada com Alzheimer em estágio inicial e que estava lutando com a realidade de ver sua mente se esvaír.

Uma estudante de teatro que recebeu uma criação ateia e sentiu que a falta de espiritualidade a deixou sem ferramentas para lidar com a morte.

Um turista holandês que se deparou com o folheto do café da morte na biblioteca e achou que seria um bom jeito de “experimentar Nova York” e praticar seu inglês ao mesmo tempo. (Senti uma fagulha de camaradagem com ele, mas não disse nada.)

O retardatário foi o próximo, sua perna direita não parava de balançar. Eu não tinha certeza se minha perna esquerda refletia a dele por empatia ou por causa do meu próprio nervosismo.

— Ah, oi, meu nome é Sebastian. — Ele lançou um aceno desajeitado, depois acertou os óculos de aro dourado. — Acho que estou aqui porque minha família nunca falou sobre a morte, então, hum, isso é bem estranho para mim. Eu meio que sinto um medo intenso da morte, na verdade. Achei que vir aqui e aprender mais sobre o assunto talvez me ajudasse a superar isso.

Alguns outros na sala assentiram em solidariedade. Sebastian se voltou para a pessoa seguinte, esperando desviar os holofotes de si mesmo o mais rápido possível.

Eu apertei os cintos e ensaiei silenciosamente na minha cabeça. Decorar o que eu ia dizer sempre reduzia a chance de contratemplos oratórios. Eu nunca revelava minha verdadeira profissão em um café da morte — isso só levaria a uma avalanche de curiosidade e a perguntas bem-intencionadas. A maioria das pessoas nunca tinha ouvido falar de doulas da morte, muito menos conhecido uma pessoalmente. Em vez disso, assumi uma personalidade muito mais fácil de gerar empatia. Quando todos os olhos por fim se voltaram para mim, respirei fundo e abri um sorriso.

— Meu nome é Clover — falei, desejando que minhas bochechas não ficassem vermelhas. — A minha avó faleceu tem pouco tempo.

A roda reverberou murmúrios de condolências e eu senti vergonha da mentira. Mas, como sempre, era uma explicação que bastava para a minha presença, e a atenção do grupo passou para a mulher à minha esquerda.

Allegra começou a conversa com um artigo com que ela tinha deparado sobre um traje funerário de cogumelos que transformaria o corpo em adubo. Seguiu-se um debate acalorado sobre enterro versus cremação, que também ponderou os méritos de ser enterrado no mar ou doar seu corpo para a ciência.

— Adorei a ideia de me integrar à terra sendo adubo — disse a estudante de teatro ateia. — É como se a terra nos nutrisse enquanto estamos vivos e depois nós a nutríssemos de volta ao morrer.

O turista holandês assentiu enfaticamente.

— Sim, e é muito mais ecologicamente correto do que a cremação, todas aquelas emissões.

— Então, se eu quiser um enterro no mar, minha família pode me levar em seu barco de pesca e me jogar no Atlântico? — A mulher ao meu lado tinha uma forte veia pragmática.

— Não — o cara do suéter de gola rulê respondeu. — Dei uma olhada nisso por causa do meu tio-avô, que queria ser enterrado no mar. Você precisa de um monte de tipos de autorizações e outras coisas. Mas tem uma empresa na Nova Inglaterra que faz isso: leva você em um iate fretado para um cruzeiro de dia com um piquenique de almoço antes de lançar o corpo no mar.

Esse vai e vem era sempre divertido — a maioria dos nova-iorquinos não tinha vergonha de dividir suas opiniões. Eu preferia responder mentalmente para não ter que suportar o escrutínio coletivo da sala. De qualquer forma, eu ficava intrigada sobretudo com as ideias das outras pessoas sobre a morte como um conceito abstrato.

No meu trabalho, lidava com pessoas que estavam em processo de morte e tinham alguma clareza sobre as coisas. Saber que a morte é iminente parecia permitir que elas lidassem com uma ideia de completude — como se tivessem uma última peça para encaixar no quebra-cabeça de suas vidas e soubessem exatamente onde ela cabia. Havia certa liberdade em não ter futuro sobre o qual especular. Mas, para a maioria das pessoas,

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A coleção de arrependimentos de Clover" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).